

DOIS OLHARES SOBRE O PROJETO PINTANDO HISTÓRIAS: relato de experiência de duas agentes socioeducadoras

Alessandra Marilia Cantoni¹
Danielle Brum Ginar Telles²

Resumo:

Este trabalho presta-se ao relato de experiência de duas agentes socioeducadoras a partir do Projeto Pintando Histórias, realizado com onze adolescentes infratores em regime de internação com possibilidade de atividade externa (ICPAE) na Fundação de Atendimento Sócio Educativo (FASE), na cidade de Porto Alegre/RS, dentro do Centro de Convivência e Profissionalização (CECONP). Um relato, enquanto “oficineiras” responsáveis pelas oficinas de Pintura em Tecido e Café com Letras. O Projeto Pintando Histórias tinha como objetivos integrar as oficinas de pintura em tecido e café com letras em torno de um assunto em comum – história de vida e obra de artistas plásticos; oportunizar aos adolescentes o conhecimento e um novo olhar sobre obra e vida de três artistas – Romero Britto, Tarsila do Amaral e Vicent Van Gogh, desenvolvendo seu interesse; realizar uma releitura guiada através de pintura em tecido do que entenderam e sentiram; incentivar a confecção de textos autoexplicativos das obras e produções textuais sobre o projeto; e organizar uma exposição com todos os trabalhos confeccionados. Este relato tem como objetivo explicar as vivências adquiridas destas duas profissionais através do Projeto Pintando Histórias.

Palavras-chave:

Socioeducação. Pintura. Leitura. Escuta sensível. Olhar o outro.

DOS MIRADAS A LAS HISTORIAS DE PINTURA DE PROYECTOS: informe de experiencia de dos agentes socioeducativos

Resumen:

Este documento se presta al informe de experiencia de dos agentes socioeducativos del Proyecto Pintando Histórias, realizado con once delincuentes adolescentes detenidos con la posibilidad de actividad externa (ICPAE) en la Fundación para la Asistencia Social Educativa (FASE), en la ciudad Porto Alegre/RS, dentro del Centro de Convivencia y Profesionalización (CECONP). Una cuenta, como "talleres" responsable de los talleres de Pintura en tela y café con letras. El proyecto Painting of Stories tenía como objetivo integrar los talleres de pintura de telas y café con letras sobre un tema común: la historia de la vida y el trabajo de artistas plásticos; dar a los adolescentes el conocimiento y una nueva mirada sobre el trabajo y la vida de tres artistas: Romero Britto, Tarsila do Amaral y Vicent Van Gogh, desarrollando su interés; realizar una relectura guiada a través de pintura de tela de lo que entendieron y sintieron; alentar la preparación de textos autoexplicativos de las obras y producciones textuales sobre el proyecto; y organizar una exposición con todo el trabajo realizado. Este

¹ Técnica em Biblioteconomia pelo IFRS. Fundação de Atendimento Sócio-Educativo (FASE/RS). E-mail: alessandramariliac@hotmail.com

² Pós-graduanda em Docência do Ensino Superior pelo Instituto Pedagógico Brasileiro. Bacharel em Arquivologia pela UFRGS. Fundação de Atendimento Sócio-Educativo (FASE/RS). E-mail: daniellebgt@gmail.com

informe tiene como objetivo explicar las experiencias de estos dos profesionales a través del Proyecto Pintura Historias.

Palabras clave:

Socioeducación. Pintura. Lectura. Escucha sensible. Mírase el uno al otro.

TWO LOOK AT THE PROJECT PAINTING STORIES: experience report of two socio-educational agents

Abstract:

This paper lends itself to the experience report of two socio-educational agents from the Pintando Histórias Project, carried out with eleven adolescent offenders in detention with possibility of external activity (ICPAE) in the Foundation of Social Educational Assistance (FASE), in the city Porto Alegre/RS, within the Center for Coexistence and Professionalization (CECONP). An account, as “workshops” responsible for the workshops of Painting in Fabric and Coffee with Letters. The Painting of Stories Project aimed to integrate the fabric and coffee painting workshops with letters around a common subject - life history and work of plastic artists; to give teenagers the knowledge and a new look on the work and life of three artists - Romero Britto, Tarsila do Amaral and Vicent Van Gogh, developing their interest; conduct a guided rereading through fabric painting of what they understood and felt; encourage the writing of self-explanatory texts of the works and textual productions about the project; and organize an exhibition with all the work done. This report aims to explain the experiences of these two professionals through the Project Painting Stories.

Key words:

Socio-education. Painting. Reading. Sensitive listening. Look at each other.

Introdução

Para que haja compreensão de nosso relato e nas particularidades deste, é necessário que antes discutamos alguns assuntos, procurando assim norteá-los durante a leitura de nossa experiência e não confundi-los. Aplicamos o Projeto Pintando Histórias com adolescentes em regime de internação com possibilidade de atividade externa (ICPAE) na Fundação de Atendimento Sócio-Educativo (FASE), na cidade de Porto Alegre/RS, dentro do Centro de Convivência e Profissionalização (CECONP). Nosso trabalho, neste Centro, visa à aplicação da socioeducação no cotidiano destes adolescentes através de oficinas de artesanato, tecnologias e profissionalizantes.

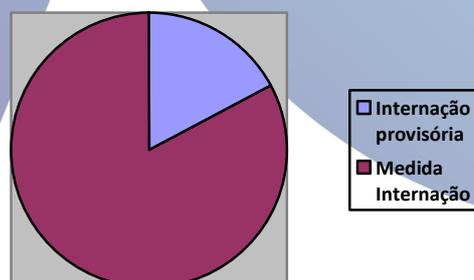
A socioeducação, portanto, situa-se nesse vasto campo da educação social, apoiando-se na concepção de uma educação fortemente social, pautada na afirmação e efetivação dos direitos humanos, com compromisso com a emancipação e autonomia de cada sujeito em sua relação com a sociedade. A socioeducação se orienta por valores de justiça, igualdade, fraternidade,

entre outros, tendo como objetivo principal o desenvolvimento de variadas competências que possibilitem que as pessoas rompam e superem as condições de violência, de pobreza e de marginalidade que caracterizam sua exclusão social. (OLIVEIRA, OLIVA, ARRAES, GALLI, AMORIM, e SOUZA, 2015, p. 581).

No Brasil, desde a década de 90, regulamentou-se a lei nº 8.069 de 13/07/1990 que dispõe sobre a proteção integral à criança e ao adolescente através do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Neste Estatuto, dentre outros dispostos como direito a vida, educação, saúde e proteção, existe um capítulo destinado à proteção, manutenção e implantação de medidas socioeducativas para menores infratores. São dispostos sobre práticas de atos infracionais (conduta descrita como contravenção penal ou crime) cometidos por crianças ou adolescentes, conhecidos como menores infratores porque por serem inimputáveis não podem ser considerados criminosos. Além desta, temos também a Lei nº 12.594 de 18/01/2012, que institui o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (Sinase) e regulamenta a execução das medidas destinadas a adolescente que pratique ato infracional.

Em pesquisa recente Rodrigues (2018), informa que de acordo com o Conselho Nacional de Justiça (CNJ), no ano de 2018, o número de jovens brasileiros privados de liberdade foi de 22,640 mil jovens – divididos entre os 461 estabelecimentos socioeducativos existentes – no Brasil. Deste total, 3.921 mil adolescentes foram privados de liberdade provisoriamente (gráfico 1).

Gráfico 1: Percentual de adolescentes com medida provisória e com medida de internação no Brasil em 2018

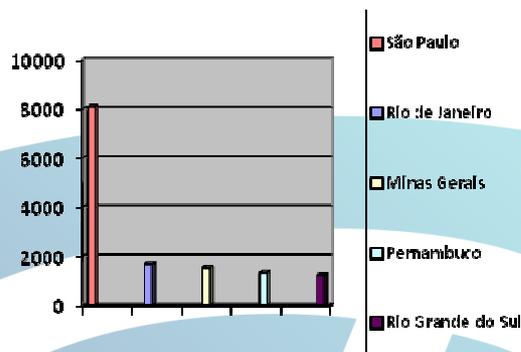


Fonte: Alex Rodrigues / Agência Brasil

Dentro destes, 82,78% de adolescentes que receberam - através de sentença judicial definitiva – cumprimento de medida de internação, o Estado Rio Grande do Sul ocupa o 5º lugar dos estados brasileiros com maior número de adolescentes restritos de liberdade por atos

infracionais. De acordo com a pesquisa do CNJ, Antecedido por estados como São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Pernambuco (gráfico 2).

Gráfico 2: Os cinco estados com maior número de adolescentes internados no Brasil em 2018



Fonte: Alex Rodrigues / Agência Brasil

Conforme gráfico 2, o estado brasileiro com maior número de adolescentes em internação é o Estado de São Paulo com um total de 8.085, enquanto os quatro seguintes estados brasileiros se somados contabilizam 5.789 internos. Estes 5 estados brasileiros já equivalem a mais da metade do total de adolescentes em situação de restrição de liberdade, um dado preocupante se considerarmos que existem 26 estados na federação mais o distrito federal. Ainda sobre o número total de adolescentes brasileiros que tiveram sua liberdade restrita, no ano de 201, dos 22.640 mil jovens, apenas 841 adolescentes são do sexo feminino, ou seja, apenas 4,5%.

Uma vez que, este relato descreve a experiência de agentes socioeducadoras - “oficineiras” - com adolescentes em ICPAE, focaremos nossa atenção para dados e informações sobre este nicho e a instituição que os acolhem.

No Estado do Rio Grande do Sul, a instituição responsável pela aplicação e manutenção deste sistema através do Programa de Execução de Medidas Socioeducativas de Internação e Semiliberdade do Rio Grande do Sul - PEMSEIS - é a FASE, com sede administrativa em Porto Alegre.

A FASE/RS tem por objetivo a implantação e a manutenção do sistema de atendimento responsável pela execução do Programa Estadual de Medidas Sócioeducativas, promovendo no Estado do Rio Grande do Sul, o atendimento ao adolescente/jovem adulto em cumprimento de medida de internação e semiliberdade e daquele que se encontra em internação

provisória, de acordo com as leis, normas e resoluções de âmbito nacional e estadual. (BRASIL, 2014, p. 18).

A FASE é uma fundação que atende adolescentes de 12 a 18 anos incompletos, podendo atender jovens adultos em cumprimento de medida até os 21 anos incompletos. É mantida por recursos públicos, é originária da extinção da antiga FEBEM (que acolhia crianças e adolescentes). Atualmente, as crianças de 0 a 12 incompletos ficaram sob a responsabilidade da Fundação de Proteção.

A Fase possui unidades de internação em todas as regionais do Estado do Rio Grande do Sul e no ano de 2018 com média de internação de aproximadamente 1230 adolescentes, sendo aproximadamente destes adolescentes 40 do sexo feminino. Os números nos mostram que 96,75% dos adolescentes infratores são do sexo masculino, enquanto apenas 3,25% são do sexo feminino, fato que se repete pela federação inteira. As adolescentes do sexo feminino, de todo o estado do Rio Grande do Sul, ficam internadas na casa feminina de Porto Alegre, já os adolescentes do sexo masculino ficam internados conforme localidade do ato infracional cometido ou regional mais próxima.

A FASE também trabalha para que haja a reinserção, ressocialização e recolocação destes adolescentes junto à sociedade, restabelecendo seus vínculos gerando oportunidade e dignidade. Os adolescentes em ICPAE passam a semana nas unidades de medida e havendo bom comportamento são liberados para passarem o final de semana em casa com suas famílias, precisando retornar no final do dia de domingo.

Enquanto estiverem cumprindo ICPAE os adolescentes podem frequentar o CECONP, um espaço que tem como objetivo coordenar, sediar e executar oficinas de caráter pedagógico, cultural, educativo dos adolescentes e jovens adultos preparando-os para o mercado de trabalho ou geração de renda. Atualmente, o CECONP disponibiliza dois meios diretos de inserção no mercado: a parceria com o Centro de Integração Empresa – Escola (CIEE) através dos cursos profissionalizantes, e da obtenção da Carteira de Artesão disponibilizada pela Fundação Gaúcha do Trabalho e Ação Social (FGTAS) após a conclusão das oficinas de modalidade artesanal que oferecem um meio de sustento, por exemplo, pintura em tecido, pintura em gesso, macramê, cerâmica, etc.

1 Projeto Pintando Histórias

Buscávamos algo novo, algum meio de cativar e interessar os adolescentes que dividiam conosco as oficinas. Segundo Santos (2007), hoje vivemos um problema, uma

discrepância entre teoria e a prática social, que é nociva para a teoria e também para a prática. Precisamos de um novo modo de produção de conhecimento precisamos de um pensamento alternativo às alternativas.

Desta forma, o projeto pedagógico Pintando Histórias surgiu a partir de uma parceria entre duas oficinas, a oficina de Pintura em Tecido e a oficina de Café com Letras – ao redor da vida e obra de três artistas plásticos - durante uma semana de reciclagem dos “oficineiros” e agentes socioeducadores do Centro de Convivência e Profissionalização (CECONP) na Fundação de Atendimento Sócio-Educativo (FASE/RS). O projeto foi realizado com as turmas de pintura em tecido manhã e tarde, no período de 11 de julho a 12 de agosto de 2019.

Pintando Histórias tinha como objetivos: integrar as oficinas de pintura em tecido e café com letras em torno de um assunto em comum – história de vida e obra de artistas plásticos; oportunizar aos adolescentes o conhecimento e um novo olhar sobre obra e vida de três artistas – Romero Britto, Tarsila do Amaral e Vicent Van Gogh, desenvolvendo seu interesse; realizar uma releitura guiada através de pintura em tecido do que entenderam e sentiram; incentivar a confecção de textos autoexplicativos das obras e produções textuais sobre o projeto; e organizar uma exposição com todos os trabalhos confeccionados.

Através desta união entre leitura e pintura, pretendíamos mostrar aos adolescentes - socioeducandos - um novo olhar sobre a vida dos artistas, seus trabalhos e suas obras relacionando tudo com a realidade em que eles (o adolescentes) estão inseridos.

Escolhemos três artistas que – cada um a sua maneira – enfrentaram as adversidades da vida lutando e persistindo para alcançar algo bom. Nomes importantes para a história da arte – na esfera pintura, como: Romero Britto (único artista escolhido ainda vivo), brasileiro, nordestino, pobre, nascido em 1963, hoje reconhecido internacionalmente, enfrentou desde a infância a falta de perspectiva e viu nas cores e na arte uma oportunidade de mudar seu destino. Aos oito anos, já manifestava possuir tendências artísticas, e muita criatividade, através da pintura em sucatas, papelão e jornais, começou a se expressar. Ainda adolescente, aos catorze anos, teve sua primeira exposição de arte, quando vendeu seu primeiro quadro para a Organização dos Estados Americanos. Segundo palavras do próprio artista, ***“na condição de criança pobre no Brasil, tive contato com o lado mais sombrio da humanidade. Como resultado, passei a pintar para trazer luz e cor para minha vida.”***

A segunda artista escolhida foi Tarsila do Amaral (falecida na década de 70 com quase 90 anos de idade), brasileira, mulher a frente de seu tempo que lutou por sua arte e por sua verdade. Nascida em 1886, filha de fazendeiro, precisou burlar o patriarcado - que a acorrentava e lhe puxava para uma vida doméstica com marido e filhos – para viver sua arte e

seu sonho, teve uma filha e uma neta, casou algumas vezes e separou-se algumas outras, foi presa, e após enterrar neta e filha, morreu reconhecida por seu talento. É considerada a artista clássica brasileira com quadro vendido por maior valor no mercado da arte.

O terceiro artista escolhido foi Vicent Van Gogh (falecido em 1890, com apenas 37 anos), pintor holandês reconhecido – pós-morte - internacionalmente por suas técnicas em excelência. Nascido em 1853, enquanto vivo vendeu apenas um quadro, deixou um legado de mais de 900 obras entre pinturas, desenhos, cartões. Sofria de depressão e possivelmente de esquizofrenia, doenças com as quais lutou até os últimos dias de sua vida quando se suicidou, as informações mais pessoais de que se dispõe hoje são através de cartas trocadas entre o artista e seu irmão e agente.

Conforme mencionado anteriormente, este projeto nasceu na última semana de reciclagem – 2019 - dos funcionários do CECONP (durante uma conversa de ações e projetos que poderíamos construir), em meio a uma reflexão em cima de falas dos adolescentes quanto ao por que. O porquê desta leitura; o porquê desta pintura? Quem desenhou estes desenhos; porque pintá-los? Qual a correlação entre pintura e leitura para que sejam unidas em oficina? Enquanto agentes socioeducadoras no papel de “oficineiras”, sentimos a necessidade de responder estes questionamentos, demos vida à criatividade o que oportunizou o nascimento deste projeto.

Organizamos o projeto para que cada semana tivesse um artista diferente como norteador das aulas, onde utilizamos o dia da oficina Café com Letras para ler a vida e obra deste artista, neste dia também expusemos os vídeos sobre tal artista, tentando desta forma, tornar o conteúdo mais interativo e atrativo. Nos dias posteriores os alunos utilizaram as aulas da oficina de Pintura em Tecido para desenhar e depositar sobre o tecido tudo que aprenderam sobre o artista e suas características em uma releitura guiada. Em concomitância criamos as fichas explicativas de cada obra produzida para a exposição. Na última semana, além do autorretrato proposto construímos as reflexões do grupo sobre o projeto, pontos positivos, pontos a melhorar, tudo em forma de texto. No dia da exposição, realizamos um breve relato contextualizando todo o processo do projeto, bem como, solicitamos para alguns adolescentes que dessem seu testemunho caso quisessem.

Para a concretização do projeto, elencamos como recursos necessários: pesquisa sobre vida e obra dos artistas; obra dos artistas para releitura; papéis coloridos para confecção das fichas; lápis; canetas; pen drive; tintas de tecido; pincéis; panos de prato; auditório para apresentação dos vídeos e exposição final; barbante; juta; prendedores grandes e pequenos; luzinhas brancas; tesoura; cola; fita crepe; folha branca; papel carbono; imagens das obras;

bloco de anotações. Montamos o cronograma iniciando os estudos e pinturas na primeira semana com Romero Britto; na segunda semana com Tarsila do Amaral; na terceira semana Vicent Van Gogh e na última semana o proposto era o autorretrato e construção das reflexões.

Construímos o projeto esperando oportunizar um novo olhar dos socioeducandos sobre artes plásticas e os artistas. Possibilitando o conhecimento de novos saberes através de uma educação interdisciplinar onde a leitura e pintura se integrem para oferecer uma nova visão do todo. Segundo Freire (1988), a educação autêntica, não se faz de A para B ou de A sobre B, mas de A com B, mediatizados pelo mundo.

Acreditamos no sucesso deste projeto, pois ele foi construído por diversas mãos – as nossas e as dos adolescentes. Esperamos ter possibilitado aos socioeducandos novas ferramentas para estimular suas inteligências, reforçando a ideia de que tudo é possível com esforço e dedicação. Foi nesta realidade, dentro deste Centro de Convivência que construímos o projeto pintando histórias. Relataremos nossas experiências coletivas e individuais a seguir, na tentativa de dividir nossa aprendizagem durante a realização deste projeto.

2 Dois olhares

Iniciamos esta parceria meses antes do nascimento do projeto, foi no dia a dia do trabalho que essa sintonia surgiu, a oficina de Café com Letras agregou e modificou a oficina de Pintura em Tecido, bem como, o inverso também ocorreu. Entendemos que crescer e aprender sozinho é possível, entretanto é muito mais enriquecedor quando compartilhamos com alguém este processo.

Segundo Santos (1999), não basta criar um novo conhecimento, é preciso que alguém se reconheça nele. De nada valerá inventar alternativas de realização pessoal e colectiva, se elas não são apropriáveis por aqueles a quem se destinam. Acreditamos neste pensamento de Santos e nos reconhecemos no Pintando Histórias do início ao fim, temos certeza de que este projeto não teria acontecido como transcorreu sem esta parceria.

Imagem 1: Autoras do Projeto e seus olhares sobre as obras



Fonte: Acervo das autoras

Portanto, intimamente, sem que houvesse necessidade de diálogo, sabíamos que almejávamos que os adolescentes tomassem para si nosso projeto, deixassem de fazer parte e sim de fato, se transformassem nos protagonistas deste evento. De acordo com Freire (1996), o conceito de escuta sensível é “a disponibilidade permanente, por parte do sujeito que escuta para a abertura à fala do outro, ao gesto do outro, às diferenças do outro.”. É uma escuta que não se concretiza apenas com ciência e técnicas, ela precisa de virtudes, por exemplo, aceitar a diferença pode ser considerado essa virtude necessária. Para que houvesse diálogo - entre nós e os adolescentes - foi necessário que houvesse escuta.

Para tornar o proposto em realidade, buscamos sempre compartilhar conhecimento, escutando os outros colegas, os adolescentes e a nós mesmas; procuramos nas falas e vivências dos próprios adolescentes meios de construirmos uma realidade diária de troca de saberes em nosso espaço de convivência.

2.1 O olhar através da oficina Café com Letras

Ingressei na FASE através do último concurso realizado em 2012, e durante os cinco anos de serviço público, sempre trabalhei no CECONP, sou mineira e possuo 45 anos. Tornei-me deficiente visual, anos antes de ingressar nesta instituição e para assumir minha vaga precisei ir à luta, encontrei no CECONP um local de acolhimento e aceitação das minhas limitações. Possuo cargo de agente socioeducadora e sou titular da oficina Café com Letras.

Sou técnica em biblioteconomia formada pelo Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS), realizei este curso já deficiente visual. A leitura sempre permeou a minha vida, e por muitos anos trabalhei com contação de histórias para crianças e adolescentes, antes e pós-cegueira. Minha oralidade sempre foi um meio de expressão e contato com outras pessoas, meu sotaque mineiro diferente do sotaque sul-rio-grandense quebrou o silêncio e foi responsável por iniciar inúmeros diálogos. Hoje, minha oralidade carrega a Alessandra que eu era e a Alessandra que venho me tornando diariamente. Segundo Fornet-Betancourt (2004), a oralidade é a expressão de cultura de um povo. A respeito disto, refere-se o autor:

Las cosmovisiones se mueven en otro horizonte y contribuyen a fundar una cierta singularidad en sus respectivas culturas, que en parte tiene que ver con la dimensión de la oralidad, ya que es expresión de culturas que han conservado una cierta experiencia vital colectiva; sabiduría originaria que se transmite como sapiencia integral, y el no es individual, que la aprende, sino que la colectividad es la que la sostiene como una memoria de todo lo común que es indispensable recordar para organizar la vida material. (FORNET-BETANCOURT, 2004, p. 33).

Minha interação na oficina Café com Letras com os adolescentes ocorre através da oralidade, é preciso que eles me escutem e que se façam escutar para que nossa comunicação flua corretamente. A oficina atua de maneira itinerante visitando – diariamente - as demais oficinas do Centro, possuo uma mochila onde levo os livros e textos para todos os cantos. Existe um rodízio de dias e turnos para que eu consiga ir a todas as oficinas pelo menos uma vez por semana em um dos dois turnos. Durante minha estadia em uma das oficinas as atividades rotineiras da mesma são suspensas e todos os alunos, bem como, o agente socioeducador organizam-se para que possamos ler em roda coletivamente. Ao longo da oficina é servida uma rodada de café para os adolescentes, enquanto eles leem junto com o colega “oficineiro”.

Trabalhar, dividir e agregar conhecimentos com a Danielle foi muito gratificante, ela conseguiu fazer, verdadeiramente, a inclusão durante o projeto. A ida desta colega para o CECONP, particularmente, foi uma aquisição positiva para o meu dia a dia no serviço, pois criamos um laço, até comentei que “eu precisava de uma pessoa jovem, organizada e com mente aberta para me ajudar; ela foi se aproximando, me passando segurança”. Ela me auxiliou a por em prática questões de inclusão, como por exemplo, criou uma tabela mensal dividindo os colegas videntes para que cada um pudesse me auxiliar com questões operacionais como: impressões, pesquisa na web, acesso ao computador, fotocópias. Este projeto não teria tido o mesmo resultado sem ela, pois quando tudo parecia “desandar” ela

com sua juventude prática já emitia voz de comando reorganizando a atenção do grupo para nossas leituras e para as pinturas também.

Entendo que o papel do CECONP – através da educação e da convivência – é modificar essa realidade, essa tendência à intolerância ao diferente, dando liberdade, autonomia e coragem as pessoas para serem diferentes e únicas.

O que a tolerância demanda de mim é que respeite o diferente, seus sonhos, suas ideias, suas opções, seus gostos, que não o negue por ser diferente [...] o que a tolerância termina por me ensinar é que, aprendo com o diferente. (FREIRE, apud FREIRE 2004, p. 24).

Em virtude disto, entendo de que nada vale a autonomia, a liberdade e a cidadania sem a tolerância, e é no momento de abordar este aspecto que nós enquanto agentes socioeducadores precisamos ter mais delicadeza, precisamos conscientizar os adolescentes a praticar a tolerância ao diferente, seja negro ou branco; homem ou mulher; homossexual ou heterossexual.

O projeto Pintando Histórias é a “menina dos meus olhos”, quando o construímos eu sabia que ele daria bons frutos, normalmente, eu sou muito positiva com tudo, mantenho bons pensamentos e tinha certeza que teríamos o que comemorar no final das quatro semanas, segui acreditando que daria certo; que seria bem aceito pela equipe de colegas e pelos adolescentes. Em contrapartida eu sentia que eles poderiam não gostar e não querer participar da leitura dos textos, pois eu mesma não poderia ajudar na leitura. Adolescentes muitas vezes rejeitam ler e escrever até porque não querem se expor em público e esse é sempre um desafio dentro da minha oficina.

Quanto às escolhas dos artistas, a sugestão do Romero Britto foi dada pela minha colega e quando contou das características do trabalho com cores fortes e vibrantes; contornos em preto; cubismo, além da história de vida sofrida, tive certeza que os adolescentes se identificariam. Os outros dois nomes surgiram ao longo da conversa e ambos eu conhecia. Montamos o projeto com muito entusiasmo, dedicação e esperança em uma colheita fértil. Digitamos, pesquisamos, organizamos materiais, recortamos, escrevemos para no último da semana de reciclagem estivesse pronto para apresentação; queríamos estar com tudo pronto apenas esperando os adolescentes e juntos iniciarmos essa caminhada.

Durante o projeto dei consultoria para Danielle que intermediou os adolescentes em como realizar corretamente a áudio-descrição, e as descrições realizadas por todos os participantes foram muito boas, eu consegui ver cada obra e acompanhar cada processo. Foi um momento muito lindo, onde eu pude acompanhar tudo, fiquei pensando se seria invenção

da minha cabeça ou se realmente as obras estavam tão bem feitas, eu estava ficando encantada com cada descrição que eles dividiam comigo.

Conforme os dias foram passando e os outros colegas - que entravam na oficina de pintura em tecido – esboçavam surpresa e contentamento com nosso trabalho, percebi que eu não estava sendo positiva, e sim nosso projeto estava lindo como eu o estava enxergando através das descrições. Naquele momento eu me senti parte integrante daquele grupo sem limitações.

O conhecimento que adquiri para áudio-descrição foi através de um curso dentro do projeto Rumo Norte, localizado no centro de Porto Alegre, este curso teve duração de um ano, quando também estudei braile. Estes cursos me foram disponibilizados enquanto eu já estava trabalhando no CECONP, onde tive apoio da direção para realizá-los.

No dia da exposição me surpreendi com a decoração que a colega Danielle organizou, nós tínhamos conversado antes e ela descreveu o que tinha imaginado para o espaço, entretanto, no dia, ouvindo a descrição e tocando nas obras eu me emocionei, ficou muito mais bonito do que imaginávamos. Nossa exposição saiu em reportagem no site da FASE/RS e no site do governo do Estado do Rio Grande do Sul.

Comentei que ter flores no evento traria boas energias e decidimos que eu traria girassóis, dividimos essa paixão por tal flor assim como Van Gogh. Percebemos que eu tinha dado uma ótima ideia, uma vez que, ela foi mais um meio de conexão dos visitantes com as obras e nossos artistas. Muitos que visitaram nossa exposição olhavam para o arranjo de girassóis e comentavam – satisfatoriamente – que as obras estavam retratando fielmente as flores.

Nossa tarde cultural iniciou com breve discurso de abertura e agradecimentos realizado pela Danielle e logo em seguida iniciei minha contação de histórias sobre a vida e obra de Tarsila do Amaral. Ao estudar a vida dos três artistas, facilmente, eu poderia escolher qualquer um, pois todos precisaram superar as adversidades lhe impostas, entretanto, escolhi a única mulher do trio para empoderar ainda mais esta artista e sua história.

Muito me identifiquei com essa artista, ela lutou por seus sonhos como eu; ela ultrapassou barreiras impostas por ela e pela sociedade como eu também fiz após minha cegueira; ela acima de tudo sempre pensava positivamente e buscava sua felicidade, assim como todas nós mulheres.

Minha contação foi acompanhada de sonoplastia criada por dois colegas de CECONP, e ao seu término tivemos o prazer de ouvir o relato de dois adolescentes sobre suas impressões sobre o projeto através de textos por eles construídos - momento que muito me

emocionou – pois era a concretização do meu espaço, da minha contribuição para esse encontro de troca de saberes que foi o Pintando Historias. Encerramos esta parte da tarde cultural com a leitura de uma poesia de uma autora mulher sobre as mulheres tendo sido lida por uma adolescente do sexo feminino. Ao término tivemos a abertura da exposição e muito me alegrou ouvir os adolescentes explicando o que haviam produzido e em quem haviam se inspirado.

Minhas expectativas - dentro da minha parte do projeto, leitura e produção textual - acabaram sendo maiores que a realidade que se desenhou porque eu sonhava que pudéssemos colher mais textos, que conseguiríamos ter mais discussões e debates sobre a vida e obra dos artistas; gostaria que tivéssemos tido mais tempo de projeto para passarmos mais vídeos sobre cada artista, uma vez que, em função da minha limitação dispor de recursos midiáticos facilita minha interação e a aquisição do conhecimento através da memória.

Eu detinha lembranças de detalhes sobre a vida e obra de Tarsila e Van Gogh, mas não muitas, mas Romero Britto eu conheci só projeto e o que aprendi sobre ele foi através das nossas pesquisas. Contudo, os resultados positivos do projeto como um todo, engrandeceram meu trabalho, me modificaram como pessoa, que me resultou na sensação de dever cumprido, pois pude mostrar muito do que produzo e compartilho com os socioeducandos; pude reforçar que sou muito mais que minha limitação.

2.2 O olhar através da oficina de Pintura em Tecido

Ingressei na FASE/RS com 28 anos – em janeiro do ano de 2018 - grávida (no terceiro trimestre). O meu início mostrou-se tumultuado, a gestação já estava avançada, existia a pressão do estágio probatório e a pouca aplicação da socioeducação, propriamente dita. Comecei a exercer o cargo de socioeducadora em uma casa de internação provisória e só foi possível subir para as alas após meu retorno da licença maternidade. Ao retornar, percebi que mesmo aplicando a “cartilha” - ensinada em treinamento e disposta nas leis – eu necessitava de “algo a mais”. Foi então que com um ano de instituição pedi transferência para o CECONP, na busca por mais espaço de socialização com os adolescentes e melhor aplicação da socioeducação.

Visitei o Centro e me coloquei a disposição para o que precisassem e o que eu não soubesse eu poderia aprender. Inicialmente, fui colocada como “aluna especial” na oficina de pintura em gesso, consegui atingir os objetivos propostos de desenvolvimento na pintura em

tempo de substituir a “oficineira” titular nas suas férias (estava a menos de um mês no CECONP). Logo após, me foi oferecida a oficina de pintura em tecido que acabara de abrir vaga para “oficineira”, oportunidade que aceitei com muita felicidade.

Durante minha vida as pinturas realizadas por mim sempre estiveram ligadas ao período escolar ou distração nos momentos de lazer – um hobby. Não fiz cursos para pintura, o que eu sabia eram “saberes” mais “meus” que adquiridos. Tanto a diretora quanto uma das chefes imediatas me ajudaram, dando dicas e base de técnicas. No restante, fomos descobrindo no dia a dia eu com a oficina; eu com os colegas; eu comigo mesma e eu com os adolescentes. A rotina diária de uma oficina com no mínimo quatro adolescentes por dia - podendo chegar a 12 - (divididos em dois turnos) é agitada, corrida, desgastante – porém, gratificante. E para não entrar em um modo de atitudes automáticas sempre busquei meios de interagir com os socioeducandos, para que eles também interagissem comigo.

Minha parceria com a Alessandra estava estabelecida e concretizada, ela surgiu já nos primeiros meses de convívio, e com o passar dos dias estreitávamos ainda mais os laços, mesmo sem enxergar ela me entendia só pelo olhar; e eu a entendia já só pela forma de respirar. Ela sempre dizia “se eu tivesse tido filha na juventude, tu seria ela.”. Entramos em sincronia muito porque possuímos objetivos de vida e profissionais muito parecidos, temos visões de como agir muito parecidos e acreditamos naquilo que fazemos.

Durante a semana de reciclagem percebemos que era o momento de criar algo novo, e dinâmico para reestruturar a forma como nossas oficinas eram enxergadas pelos adolescentes. Buscávamos responder aos questionamentos levantados, uma vez que, essas interrogações também foram plantadas em nós duas, e estavam dando frutos.

O projeto nasceu eu sabia que ele daria certo, entretanto, não imaginava que daria tanto trabalho, que seriam as quatro semanas mais corridas e cansativas de todo meu período de instituição. Estudar e poder desenhar Romero Britto, Tarsila do Amaral e Vicent Van Gogh foi como voltar ao tempo de escola onde eu era a aluna e não a “professora”. Tínhamos certeza que ao escolhermos esses nomes eles mexeriam com os adolescentes e era disto que precisávamos.

Precisávamos que eles saíssem de seus lugares de conforto e se colocassem no local de fala, de protagonistas daquele momento de suas vidas. Ler com os adolescentes fortaleceu nossos laços, (requisito muito importante no ambiente em que trabalhamos), uma vez que o vínculo/ o elo pode ajudar o adolescente – através de conversa – a não realizar ações erradas para não se prejudicar nem a ninguém. Realizar uma oficina de trabalhos manuais cria nos adolescentes conceitos/regras – é necessário seguir ordens para que se atinja o objetivo – um

produto final satisfatório; correto; bonito; construído com paciência; com coletividade, com coleguismo.

Inicialmente, mostramos para a técnica pedagógica, pois caso algo estivesse errado teríamos tempo de corrigir antes de apresentar aos demais colegas e equipe diretiva. Com o aval da pedagoga, apresentamos ao grande grupo de colegas, onde o projeto foi aceito. O material e estrutura solicitada foram, prontamente, atendidos. Tudo que precisávamos e solicitávamos era resolvido (tinta, pano, ajuda na organização ou alteração na data da vinda da oficina de café com letras para a nossa sala) o projeto foi criado á quatro mãos, confeccionado por onze adolescentes, mas abraçado por todo o CECONP.

Uma grata surpresa para nosso projeto foi a participação de um socioeducando da oficina Cerâmica, este adolescente já havia passado pela oficina de pintura em tecido - onde teve ótimo aproveitamento – e quando soube do projeto pediu autorização para a pedagoga e seu atual “oficineiro” para que também pudesse participar. Este adolescente estava conosco nos encontros de leitura e confecção dos textos, já nos demais dias da semana ele produzia suas releituras na oficina de Cerâmica com auxílio e apoio do colega responsável pela oficina.

Lembro com perfeição as frases que eu mais repetia ao longo desse projeto: “não desiste, tu pode!”, “não é preciso ficar perfeito teu desenho, é preciso que tu consigas te doar ao máximo neste momento, e só.”; “não estamos procurando Romeros, Tarsilas, por exemplo. Procuramos o que vocês podem produzir, e não o que eles fizeram, a obra deles nós já conhecemos, queremos conhecer a de vocês.”.

Como já mencionamos anteriormente, minha parceira de projeto é deficiente visual, eu já vinha trabalhando com ela há alguns meses e sabia que ela possuía credencial para orientar e realizar áudio-descrição. Questionei se ela achava interessante me orientar antes para que eu pudesse auxiliá-la neste processo com os adolescentes, e gentilmente ela me explicou tudo que eu precisava saber para ser sua assistente temporária. Mesmo tendo tido aulas na graduação sobre o tema acessibilidade e tudo que todas as questões que o rodeiam, eu tinha uma visão diferente de como proceder quanto às estas questões, pois sempre me detive a questões estruturais, de segurança. Poder vivenciar na prática o ensinamento de alguém que vive com uma limitação te proporciona outro olhar sobre todo o processo.

Desta forma, a orientação da Alessandra para realizar com os alunos a áudio-descrição fortaleceu ainda mais nossa parceria, conseguimos transformar em um curto espaço de tempo uma questão diferente e às vezes delicada para os adolescentes em algo rotineiro. No início eles apresentaram resistência e insegurança em descrever seus trabalhos, como

também pinte cada etapa com eles eu iniciei fazendo a áudio-descrição da minha obra, o que facilitou que aquela distância inicial fosse diminuindo.

Nós estávamos na mesma frequência (eu, Alessandra e os adolescentes), ajudá-los a descrever o trabalho deles para uma deficiente visual foi um lindo aprendizado. Eles se sentiram mais confiantes quando a Alessandra explicou que um dia já enxergou, e que esta descrição seria diferente de uma descrição para um cego de nascença, pois eles podiam fazer links relacionando com coisas e cores que um dia ela já tinha visto.

Na última semana que antecedia a exposição, houve resistência em se autorretratar, tivemos que levar em consideração o fato de estarmos trabalhando com adolescentes (e como todo e qualquer adolescente, eles não gostam de ficar expostos) escolhemos em mudar, nos permitir sair do que estava previsto no cronograma. Uma mudança repentina que deu certo; rendeu risadas; boas conversas e dedicação de todos até o final. Decidimos que faríamos retrato do outro, trabalhamos a empatia, a gentileza, o olhar o outro com ternura e respeito. O resultado foi de mesmo nível das demais pinturas, verdadeiras obras de arte.

Auxiliar a Alessandra a recolher os textos e colher as falas dos adolescentes me fez perceber o quanto o projeto mexeu em diferentes aspectos de nós duas, não era só a escrita e a leitura dos textos para ela; enquanto a minha não se resumia aos tecidos, rabiscos e tintas. Eu estava concretizando e reafirmando minhas convicções de em qual lugar eu queria trabalhar e a qual lugar eu pertencia dentro da FASE. Ousou ao afirmar que ela também estava reafirmando o espaço dela e se empoderando ainda mais de suas atribuições de agente socioeducadora enquanto “oficineira” do CECONP.

Refletindo sobre nosso projeto tenho certeza que atingimos esse quesito, pois mexemos com as estruturas dos alunos, as nossas através do conhecimento escolhido para estudo. A respeito disto, segundo Moll:

[...] conhecimento do mundo em que vivemos mundo que é resultado de nossas intervenções e de nossa capacidade/incapacidade para produzir beleza e bem-estar é função sim da educação escolar em relação às novas gerações, e esse conhecimento só se torna possível se for convertido [...] em uma aventura instigante em que os campos do conhecimento dialogam entre si, na medida mesma em que dialogam com o universo real e simbólico dos estudantes. (MOLL, 2013, p. 43).

Quando a exposição tornou-se realidade, quando pude ver os tecidos organizados; pendurados; colados na parede; as fichas identificando as obras; os adolescentes que não gostavam de falar em público, lendo para uma plateia de 40 pessoas, percebi que havia dado certo. Tive ajuda dos adolescentes que participaram do projeto para montar toda a exposição,

com as obras de arte, bem como, sugestões da Alessandra de como posicionar tudo (dentro do que havíamos idealizado juntas) e do “oficineiro” de Cerâmica, que além de abraçar e ajudar o aluno em sua oficina, também nos auxiliou com a organização da exposição.

Percebi que os cansaços físico e mental tinham valido a pena, que estávamos criando um marco para as nossas oficinas; que nada seria como antes no nosso trabalho, mas, principalmente – que havíamos inserido ao menos uma semente de inquietude sobre leitura e arte em cada adolescente.

A ideia nunca foi mudar o mundo, nem tentar mudar os adolescentes, mas mostrar algo diferente; desafiador; instigante. E divertido, porque não? Aprendi a ensinar e ensinei a aprender, uma vez que - pratiquei diariamente a socioeducação; alegrei-me com os trabalhos; emocionei-me com os significados de algumas obras e criei esperança em novos e melhores futuros para esses adolescentes.

Discussão

Ao encerrarmos o Projeto Pintando História, percebemos que atingimos nossos objetivos e, além disto, superamo-los, uma vez que, não esperávamos tamanha excelência e dedicação no processo criativo e artístico, as obras pareciam ter sido pintadas e esculpidas por artistas com anos de experiência.

No “dia D”, nos reunimos – ainda com o salão vazio de visitantes - antes de recebermos os participantes, e comemoramos juntas mesmo antes da exposição começar, pois nos sentimos vitoriosas com o que conseguimos produzir junto dos onze socioeducandos. Quando os adolescentes chegaram no CECONP nos reunimos ao redor de nossas obras e comemoramos, nos aplaudimos e conversamos sobre o que vivenciamos até aquele momento e também o que vivenciaríamos com a exposição. A tarde cultural foi um sucesso - com exposição de arte; contação de histórias e sonoplastia; leitura de carta feita por participante e declamação de poesia, ao final, fomos aclamados e recebemos o pedido de uma segunda edição.

Um projeto que iniciou com revolta e questionamentos, desistências momentâneas e por vezes preguiça; foi concluído com louvor, elogios de toda equipe, adolescentes e demais funcionários da instituição. Realizamos exposição extra na sede administrativa por dois dias, aonde recebemos elogios e reconhecimento de todos os funcionários que ali trabalham, do

faxineiro ao presidente. Todos ficaram encantados com a destreza e perfeição que as obras se apresentaram.

No final desta caminhada percebemos que conseguimos contabilizar mais pontos positivos que pontos a melhorar. Anotamos todos os pontos que podemos aperfeiçoar, entre eles: sugestão de alguns adolescentes sobre aumentar o tempo de duração do projeto; sugestão da diretoria para deixar que os alunos escolham dentro de uma lista os artistas que mais lhe representam; sugestão de umas das autoras do projeto em se trazer mais vídeos interativos e mais dias para a oficina de café com letras dentro do período do projeto; sugestão da outra autora para que as obras sejam mais interativas e acessíveis, talvez uma exposição totalmente inclusiva.

Agradecimentos

Concluimos nosso relato de experiência agradecendo aos adolescentes que embarcaram nesta proposta, aos funcionários do CECONP que – cada um a sua maneira – nos ajudaram, incentivaram, apoiaram e também trabalharam para que tivéssemos sucesso em nossa proposta de socioeducação. Agradecemos pelos ensinamentos que compartilhamos, que foram compartilhados conosco, possuímos enorme respeito pela docência e nos sentimos honradas (mesmo sem formação acadêmica em docência) por ter sido possível ensinar aprendendo enquanto ocupávamos o ilustre papel de “professor”.

Referências

AMARAL, Tarsila do. **Tarsila**. Disponível: <http://tarsiladoamaral.com.br/> Acesso em: 28/06/2019

BEZERRA, Juliana. **Romero Britto**. Toda Matéria. Disponível: <https://www.todamateria.com.br/romero-britto/> Acesso em: 28/06/2019

BRASIL, República Federativa do. **Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências**. Brasília: Presidência da República, 1990.

BRASIL, República Federativa do. **Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo – SINASE**. Brasília: CONANDA e Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2006.

BRASIL, República Federativa do. **Lei nº 12.594 de 18 de janeiro de 2012. Institui o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (Sinase)**. Brasília: Presidência da República, 2012.

BRASIL, República Federativa do. **Plano Nacional de Atendimento Socioeducativo: diretrizes e eixos operativos para o SINASE**. Brasília: Presidência da República, 2013.

BRASIL, Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República. Governo do Rio Grande do Sul. Secretaria da Justiça e dos Direitos Humanos. Fundação de Atendimento Sócioeducativo do Rio Grande do Sul. **PEMSEIS: Programa de Execução de Medidas Sócioeducativas de Internação e Semiliberdade do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: SDH; Fase, 2014.

FORNET-BETANCOUT, Raúl. **Reflexões de Raúl Fornet-Betancourt sobre conceito de multiculturalismo**. México, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 18 ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra Educação, 1988.

_____. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia da Tolerância**. In: FREIRE, A.M.A (Org). São Paulo: Editora Unesp, 2004.

Gestão Educacional. **Romero Britto**. Disponível:

<https://www.gestaoeducacional.com.br/romero-britto-vida-e-obra/> Acesso em: 28/06/2019

GOMBRICH, E.H. **A história da arte**. Rio de Janeiro: LTC, 2013.

OLEQUES, Liane Carvalho. **Os Grandes Artistas: Van Gogh, Renoir, Manet**. São Paulo: Editora Nova Cultura LTDA, INFOESCOLA, 1991. Disponível:

<https://www.infoescola.com/biografias/van-gogh/> Acesso em: 28/06/2019

MOLL, Jaqueline. Os tempos da vida nos tempos da escola: em que direção caminha a mudança? In: MOLL, Jaqueline (Org). Os tempos da Vida nos tempos da escola: construindo possibilidades. 2 ed. Porto Alegre: Penso, 2013, p. 40-49.

OLIVEIRA, C; OLIVA, O; ARRAES, J; GALLI, C; AMORIM, G e SOUZA, L. **Socioeducação: Origem, Significado e Implicações para o Atendimento Socioeducativo**. Maringá: Psicologia em Estudo, v. 20, n. 4, p.575-585, out./dez. 2015.

RODRIGUES, Alex. Brasil tem cerca de 22,6 mil jovens privados de liberdade, diz CNJ.

Agência Brasil: Brasília. Disponível: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2018-11/brasil-tem-cerca-de-226-mil-jovens-privados-de-liberdade-diz-cnj>

Acesso em: 25/09/2019

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. 5 ed. São Paulo: Cortez Editora, 1999.

_____. **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social.**
São Paulo: Boitempo, 2007.

Entrevista com Romero Britto. Disponível:

https://www.youtube.com/watch?time_continue=155&v=G0tkPwDYT5w Acesso em:
28/06/2019

Traçando arte - Tarsila do Amaral.

Disponível: https://www.youtube.com/watch?time_continue=1&v=RqpLoWtMb1E Acesso:
28/6/2019

Van Gogh visita sua exposição de arte. Disponível:

<https://www.youtube.com/watch?v=37ikapvrr0g> Acesso em: 28/06/2019

